

# A MORTE DE UM DEUS

8. 15. 53 RAUL PILLA

**N**ÃO se pode dizer que Stalin tenha vivido pouco. Ainda na Europa, onde a longevidade é maior do que nestas atribuladas plagas americanas, setenta e três anos representam uma idade respeitável.

Mas foi Stálin, nos tempos modernos, o homem que maior império exerceu sobre os seus semelhantes. Era senhor da vida e da morte no seu vasto país e além das fronteiras déles. Necessário se faz recuar muitos séculos, para encontrar exemplo que se lhe possa comparar. Ditava regras para a arte; estabelecia leis para a ciência. Todos os recursos criados pelo engenho humano estavam a seu dispôr. Era um deus para muitos dos seus compatriotas, pois attributo divino e a onipotência.

Entretanto, este deus morreu. Morreu, chegada a hora, como morreu ou morrerá o mais pobre, o mais humilde, o mais desamparado dos seus súditos. De nada lhe valeu o imenso poder para evitar, ou retardar a morte; é possível, até, que lha tenha apressado. Esta é a lição constante, sempre repetida e nunca aprendida, que a todos nós, e muito principalmente aos potentados, dá a morte.

A lição, não a aprendemos nunca. Não obstante, a mestra, condescendente, no-la vai ensinando. E, mais do que isto, nos vai dispensando a todos os seus benefícios. Que esperança poderia haver para a pobre humanidade, se os déspotas não morressem? Os déspotas morrem, mas o despotismo pode continuar há de objetar-se. Sim, pode, principalmente quando, como na Rússia, é um sistema. Mas a morte produz uma crise mais ou menos profunda, um período de adaptação mais ou menos longo, de que se poderão valer as forças da liberdade. É pelo menos, uma esperança de renovação.